

Relatoria Crítica 26.08.2020

Marina Falsetti Viviani Silveira

Webnário Museus e Sustentabilidade Social – *Terceira parte do ciclo de webinários sobre Museus e Sustentabilidade promovido pelo Sisem/SP ao longo de 2020.*

A presente relatoria crítica funda-se em uma proposta de checagem e validação, pela análise das falas dos convidados, de 12 tópicos propostos inicialmente pelo grupo envolvido na formulação e proposição de uma Política Setorial de Gestão de Museus e Sustentabilidade, no âmbito da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, articulado por meio de esforços empreendidos pelo Sisem-SP. Os pontos, abaixo listados, foram levantados ao longo do 2º seminário promovido pelo SISEM objetivando a articulação do tema, tendo a participação de representantes e funcionários de instituições museais, membros de Organizações Sociais de Cultura e pesquisadores acadêmicos, e representam um levantamento prévio de aspectos a se observar na avaliação da sustentabilidade social de instituições museais:

- Escutar para aproximar;
- Mapear para conhecer;
- Consolidar parcerias;
- Integrar a comunidade com museu;
- Fortalecer a relação;
- Romper o isolamento;
- Conhecer e elaborar projetos integrados para uma ação conjunta e participativa;
- Observar os fatores que caracterizam a comunidade;
- Envolver os atores na responsabilidade de sustentar, estabelecer, preservar. Através de programas, projetos onde a participação de todos da maneira com a qual, cada um pode contribuir, com seu potencial e interesse em um trabalho coletivo, ou seja, um produto de estudo e desenvolvimento final;
- Fortalecer as ações educativas, pois as mesmas são estratégias fundamentais em busca de resultados positivos;
- Tornar visíveis as consequências, pois transformações precisam ser observadas e vistas para que se possa avaliar conteúdos e conhecimentos adquiridos;
- Expor, difundir resultados, pois somente quando há uma transformação, quando o resultado, finalmente é mostrado, ele alcança o sucesso, a confiança, a credibilidade.

A relatoria apresenta, primeiramente, uma breve descrição das falas dos convidados, para no momento seguinte, as relacionar com os 12 pontos de atenção propostos previamente. E, por fim, em “Conclusões” apresenta-se uma colaboração à continuidade da proposta, levando em conta novos aspectos para a observação e avaliação da vertente social da sustentabilidade na gestão dos museus.

Luciara Ribeiro – Educadora, pesquisadora e curadora. Interessa-se por questões relacionadas à descolonização da educação e das artes e pelo estudo das artes não ocidentais, em especial, as africanas, afro-brasileiras e ameríndias.

Relato:

- Justifica a escolha profissional como forma de construir uma luta / ação efetiva de existência – sentido à vida – vida em sociedade;
- Responsabilidade dos Museus como “espaços de vida”!;
- Valorização da trajetória pessoal (“escrevivências” = conhecimento / Conceição Evaristo): nascida no sertão da Bahia; migrou para a periferia de Mauá (SP) / ensino público (limitador, repleto de lacunas, sucateado); “encontro” com Movimentos Sociais – início de um sonho para além do próprio meio social – conheceu as possibilidades de se entender como mulher, negra e criar suas próprias memórias – conheceu Universidade Pública e Museus;
- Percepção desses espaços (Univ, Museus e outros) como NÃO-LUGARES – incômodo constante ao próprio corpo em espaços onde não havia lugar para expor essas inquietações (dinâmica do “cale-se”: quem tem poder e pode calar os demais) – Museus como estruturas que reproduzem essa dinâmica / Educativo sempre combatido para que haja controle do discurso e postura;
- Percepção do momento presente como momento de “vozes que se projetam”!;
- **Reflexões:** Quais posturas devemos acordar como “aceitáveis”? Como combater esse nocivo controle e silenciamento dos corpos? Devemos cavar uma abertura para uma mudança efetiva, que vai além da ideia de inclusão. Num espaço onde todos tem voz e espaço não há lugar e nem necessidade de se pensar em inclusão!!!
- **Reflexões:** Já sabemos que a sociedade funciona sob mecanismos e estruturas de exclusão e que os Museus reproduzem essa lógica, mas o que fazemos efetivamente para mudar essa realidade? É necessário um compromisso da gestão para efetivação de uma mudança real (para além da programação comemorativa, por ex) – Necessidade de mudança nas bases! Como?? Através de órgãos que exijam o cumprimento de uma perspectiva voltada para TODOS / COLETIVIDADE: Museus se fazem com pessoas; o espaço em si não faz nada; trabalhadores da cultura + população é que dão sentido ao museu;
- **Reflexões:** Como se define um museu de fato? Necessidades: Quebra de hierarquias / participação da educação / alinhamento entre as equipes (provado pela aproximação das equipes motivada pelo período de distanciamento e recursos de contato virtual) / Ter clareza de como se posicionar diante de situações como racismo e homofobia (ações criminosas) internamente – Como combater efetivamente essas atitudes – Como fazer para que a pessoa não tenha que lidar sozinha com a situação em si, a dor que ela provocou e a imposição do silenciamento – MUSEU DEVE OUVIR E NÃO CALAR! – Transformar o museu em um LUGAR.
- **Reflexões:** Silenciamento dos corpos: gestos, olhares, posturas, hierarquia – Quem fala e quem se cala! – O “problema” não deve estar personalizado naqueles que tentam “balançar” as estruturas e propor reflexão – o problema é um problema de todos! Silenciamento do conhecimento: não ser visto como potência de conhecimento, sempre de cima para baixo!

Benjamin Seroussi– Atua como curador, editor e gestor cultural. Atualmente, é diretor executivo da Casa do Povo, instituição cultural sediada em Bom Retiro, em São Paulo. Seroussi

- Trajetória pessoal: em referência à fala de Luciara, “apresentar-se com o corpo” / Nascido na França – modelo de integração cultural muito forte – recusa ao racismo (se falamos de racismo, já estamos sendo racistas!) / No Brasil as diferenças o fizeram rever a própria trajetória como filho de imigrantes que nunca pôde falar a língua dos pais – questões que o levaram a estudar Antropologia, Sociologia, Artes Visuais – No Brasil há 16 anos, sempre trabalhou com artes visuais;
- **Reflexões:** Arte e Sociologia como áreas de produção de conhecimento e guarda de memória; A Arte é sempre atravessada por questões políticas – indissociável / Artista produz conhecimento sempre em torno dessas questões!
- **Reflexões:** O termo SUSTENTABILIDADE lhe causa preocupação: Recorre a Ailton Krenak no livro “ideias para adiar o fim do mundo” que traz o desenvolvimento sustentável como um paradoxo, uma contradição, tendo sido criado pela humanidade como um utilitário. A sugestão é voltar um pouco para se refletir sobre a pergunta inicial: O que precisa ser sustentado? Para que estamos fazendo tudo isso?
- **Reflexões / Provocações:** Preocupação com a divisão da ideia de sustentabilidade em áreas estanques (econômica, ambiental, social e cultural) – não se separam, estão ligadas intrinsecamente! Essa divisão pode, paradoxalmente, reforçar o que queremos combater!
- **Reflexões:** questionamento da noção de “centro” cultural – Por que a Cultura precisa de um centro se ela atravessa todas as instâncias da vida? / Questionamento à noção de “democratização da cultura” – é necessário democratizar a “noção de cultura”, e não a “cultura” /
- **Reflexões:** necessidade de uma mudança de mirada – Museus/Espaços Culturais não como espaços físicos construídos, mas como construções contínuas – Responsabilidade com a produção, olhar crítico e reconhecimento das próprias limitações (não como justificativa para uma paralisação, mas como ponto de partida para uma “escuta” real) / Mudança de perspectiva de modelos coloniais (alusão aos acervos queimados por não poderem cumprir as exigências desse modelo!) /
- **Reflexões:** Distanciamento físico (diferente de proximidade social) – redes sociais / Ideia de ‘on-line - off-line’: Museus migraram para o virtual – importante – mas é preciso cuidado: Se falamos com pessoas isoladas: - negamos a noção de realidade (tem gente que não pode estar em casa para acompanhar, tem gente que não tem casa, não tem conforto) e falamos com mais pessoas, porém, mais das mesmas pessoas!
- **Reflexões:** Cuidado com o “mega”. Mega-Museus como fábricas de turistas e não de produção de conhecimentos! A cafeteria é pensada antes da definição das linhas de atuação institucional. Sugestão bibliográfica: Paulo Preciado.
- **Relato de ação da Casa do Povo:** relançamento de jornal produzido na Casa do Povo e extinto pelo AI-5, quando o espaço deixou de ser ativo – Desafio: não existia mais uma “voz” uníssona do povo, que era o que dava motivo ao jornal- Caminho: a) Ativação de um grupo de pessoas do bairro (migrantes, Pinacoteca, Mario de Andrade, artistas, artesãos) / b) Definição de calendário de ações de grupos e registro para se tornar material para os textos do jornal.
- **Reflexões:** “Povo em devir” – construção contínua, processo vivo – Necessidade de repensar continuamente como tece suas relações com o entorno. Na Casa do Povo os coletivos possuem a chave do espaço – acordos claros (regras de uso) – Liberdade – Noção de **Cultura Aberta:** aulas de box, distribuição de comidas, coral, arte contemporânea, bordado, seminário, convivências improváveis

- A Cultura é mesclada à Vida! A Cultura extrapola as manifestações artísticas! / Noção de Dentro e Fora mais “borrada” / **Governança**: Evitar concentração de poder – Como se distribuir o poder dentro da Instituição para garantir que a potência de cada um possa se revelar em plenitude – MODELO SOCIOCRACIA – horizontalização, círculos mutáveis / Quebra de barreiras entre beneficiados e contribuintes / Cesta Básica (paternalista, quem define que todo mundo precisa de arroz e feijão) X Cestas Abertas (bancadas com variedade de produtos para escolha livre – espaço para escuta do que as pessoas estão precisando) / Escuta como mecanismo de descentralização de decisões

- **Reflexões**: em situações como a presente, o museu tem que - primeiro de tudo - AGIR socialmente e, somente depois, parar para refletir onde a ação de encaixa nas missões e objetivos da instituição – compromisso social real!
- **Reflexões**: Conceito de “zonas de conflito” de Bernardette Lynch (conflito X confronto)

Sandra Benites – Natural da etnia Guarani Nhandeva, da aldeia Porto Lindo, no Mato Grosso do Sul, é antropóloga, arte-educadora e artesã, além de doutoranda em antropologia social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde pesquisa como os guaranis enxergam o corpo feminino. Agora, também integra a equipe de curadores de arte brasileira do MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand).

- Trajetória pessoal: indígena guarani – nascida no extremo sul do MS – local violento, excludente, conflitos entre indígenas e não indígenas desde a infância – conhece o massacre e a discriminação de perto / aprendeu Português aos 27 anos / Família liderada por mulheres – aprendeu com a avó que as mulheres não devem se calar e precisam dizer o que pensam / Não tinha perspectiva ou ganância de chegar onde chegou, acredita ter sido trazida até aqui pela própria sinceridade (interagir mesmo sem compreender completamente, interesse em observar o outro, o diferente) e ingenuidade (“Se soubesse o que é ser um curador, não teria feito tão bem”) / Sempre soube que queria falar sobre a sua cultura e heranças – sobre liderança e força feminina de querer dizer quem é / Professores não-indígenas é que abriram o caminho para que ela pudesse se expressar / Experiência como professora em escola indígena
- **Reflexões**: Diferenças entre “escola indígena” e “educação indígena”. A Educação é feita com base na cultura do povo – ex. Educação Guarani: a aquisição de conhecimentos é um processo que se faz ao longo da vida – a construção do Saber se dá na integração com o “todo”; importância da tradição oral – aprender fazendo – Tema de suas primeiras falas em Universidades: experiência de compartilhar suas heranças;
- **Relato experiência de curadoria coletiva Rio de Janeiro**:co-curadora de uma exposição cujo tema era o Rio ainda é indígena (Expo DjaGuataPorã) – participação para dar sentido e validar o discurso junto à comunidade indígena (parentes). Desafio: ESCUTA – mediadora entre os curadores e os “parentes” – pensar com os grupos como gostariam de se apresentar e ajudar na materialização desses objetivos;
- **Reflexões sobre processo curadoria**: Integração entre “parentes”, curadores e pesquisadores – desafio bom, ideia de processo, e conflito no lugar de confronto (o conflito sempre vai haver no encontro por conta da diversidade, mas o confronto busca combater o outro, enquanto o conflito busca agregar) – Tudo foi feito para a exposição como os povos queriam e não como o Museu impunha!

- **Reflexões:** Todo Museu deve NEGOCIAR constantemente com TODOS – tem que ter diálogo e depois a “filtração” – exercitar a sabedora da ESCUTA para promover o encontro – o equilíbrio do encontro: onde cada um tem as suas trajetórias e demandas e desejos. – Negociação com o Masp: entender as limitações de cada uma das partes (ela desconhecia todo o processo burocrático – “o que está por trás” e o museu não conseguia dialogar com “parentes”, por ex) – Permissão dos “parentes” para representá-los e entendimento da importância da visibilidade; Desafio: diálogo entre 305 etnias + parentes “perdidos” (que não se reconhecem como indígenas, negros, nada!) / Pesquisa para encontrar o que une todos esses “parentes”, o que é a “luta maior”, do que falamos juntos! / Responsabilidade do Museu em “cutucar feridas”: falar sobre processo de colonização do país, abarcar os diversos pontos de vista (promover esse debate); e falar sobre o futuro (a garantia da vida está no conhecimento, na sustentabilidade) / Discutir o “apagamento indígena”, a discriminação, políticas públicas que considerem a diversidade dos povos e das condições – mulheres, idosos, crianças, etc.) – ainda lutamos pela garantia à sobrevivência e ao território;
- **Reflexões:** Indignada por ser chamada a um seminário para escutar sobre sustentabilidade, como se os indígenas (quilombolas, ribeirinhos) não possuíssem esse conhecimento e vivessem de acordo com essa lógica – “Espírito da Floresta”- como roçar, influência da lua, parto humanizado etc... / Fronteira para os guaranis se define pelas diferenças dos povos e não à partir da demarcação das terras; Felicidade e saúde estão relacionados ao bem estar da Terra: para o guarani a terra é vista como um corpo feminino – Esse conhecimento já existe, é milenar: só precisa ser visibilizado! – Existe preconceito e discriminação – Falta ESCUTA! “Temos várias questões a contribuir!” – Museu precisa pensar em como vai fazer para equilibrar todos esses corpos – Não adianta garantir um e excluir o outro / É preciso respeitar a diferença para saber onde é possível avançar sem excluir.

Análise Reflexiva:

A fala dos três convidados, sob o meu ponto de vista, tanto refletiram quanto aprofundaram pontos levantados pelo grupo de trabalho envolvido com o estudo da dimensão social do tema sustentabilidade, além de terem acrescentado novos e relevantes aspectos para a continuidade do debate. Embora as três falas tenham sugerido possibilidades de revisões na metodologia proposta para a elaboração de um Marco Conceitual para a Sustentabilidade em Museus, nenhuma delas me pareceu ter oferecido oposição ao caminho percorrido até o momento.

Iniciei percorrendo os consensos que me pareceram mais marcantes nas falas dos três convidados para então destacar algumas contribuições individuais de cada um e, enfim, propor uma reflexão final para este grupo de trabalho.

A **ESCUTA** aparece como ponto de maior relevância na fala dos três convidados, coincidindo com o primeiro ponto listado pelo grupo de trabalho como aspecto de atenção na observação da sustentabilidade social dos museus.

Para Luciara Ribeiro a “escuta” é colocada como ponto central para um reposicionamento da própria noção/definição das instituições museais, para que abandonem, definitivamente, a perspectiva de “não-lugares” e se assumam como “lugares”, adotando práticas capazes de eliminar a dinâmica do “cale-se”, definida por estruturas onde alguns detêm o poder de silenciar todos os demais, controlando seus discursos e posturas. Este silenciamento que define, *a priori*, aqueles que têm voz e aqueles que não têm, segundo a convidada, pode estar velado sob gestos, olhares, posturas e na própria hierarquia institucional, que ignora o potencial de conhecimento dos indivíduos e do coletivo na construção e condução de processos. Benjamin Seroussi corrobora a visão propondo, para além de um reposicionamento da ideia de museus, um alargamento da própria ideia de Cultura para uma noção de “Cultura Aberta”, admitindo-a como um processo que extrapola as manifestações artísticas para ser compreendido como uma dimensão mesclada à vida. Neste sentido, a ideia de *Centro Cultural* se esvaziaria, para ser substituída por processos responsáveis com a produção de conhecimentos e a construção de um olhar crítico, reconhecendo suas próprias limitações como ponto de partida para uma “escuta” real. Assumiriam, ainda, uma presença social mais ativa, deixando de se colocar como espaços de democratização da cultura para democratizarem, acima de tudo, a própria noção de cultura. Na fala da curadora indígena Sandra Benites, a relevância da “escuta” aparece em todos os relatos de sua vida pessoal e profissional. Para ela, o reposicionamento ou a reflexão atual deve pautar-se na busca pelo equilíbrio dos vários corpos e vozes, com respeito às diferenças e estabelecimento de mecanismos que favorecessem a negociação de pontos de vista diversos - e até divergentes - em favor de uma composição e criação coletivas e essencialmente inclusivas.

Luciara e Benjamin dividem um entendimento alargado de museus, que superaria o espaço físico para serem compreendidos como “espaços de vida”, para Luciara, ou como “construções contínuas”, para Benjamin. Ambos compartilham a percepção da necessidade de dissolução de estruturas colonialistas em favor de modelos que permitam a reflexão contínua tanto das relações internas quanto das relações tecidas com seus entornos, admitindo os seus públicos dentro de uma perspectiva de contínuo devir, portanto, sempre em movimento e construção. Desta forma, ambos discorrem sobre o fato de que museus não se sustentam em paredes, mas no reconhecimento e encontro com o outro.

Luciara Ribeiro reforça a necessidade de abertura para uma mudança efetiva, que estaria pautada para além da ideia de inclusão, uma vez que ao oportunizar voz a todos, a necessidade de inclusão se dissiparia.

Benjamin, por sua vez, traz a ideia de “borrar barreiras (dentro e fora)” que separam as instituições de seu entorno (pessoas). A reflexão da convidada **Sandra** reivindica, ainda, um olhar de respeito e desprovido de preconceitos, que leve à escuta e aceitação do conhecimento/saber do outro nas perspectivas de tomada de decisões do museu.

Os convidados também parecem estar de acordo com a ideia de que a viabilidade de uma escuta real e, portanto, da adoção de mecanismos de responsabilidade/sustentabilidade social, se daria a partir de um reposicionamento dos modelos de gestão e governança das instituições museais e de Cultura, em geral.

Para Luciara, a garantia de novas práticas se concretizaria por meio de compromissos assumidos pela gestão e que seriam, assim, capazes de imprimir princípios de coletividade e escuta desde as bases da instituição.

Benjamin, por sua vez, sugere a adoção de ações de Governança que evitem a concentração de poder e de tomada de decisões, horizontalizando as relações (tanto internas quanto com a comunidade) de forma a garantir que as potências individuais possam ser reveladas em plenitude. **Luciara** traz a necessidade determinante de um compromisso de gestão capaz de rever as suas bases estruturais para aderir a uma perspectiva que nasça da coletividade e inclua os diversos agentes sociais, propondo ainda a necessidade de órgãos fiscalizadores que garantam essa perspectiva na execução da sua missão. A adoção de perspectivas como a quebra de hierarquias, maior participação da área de educação, maior alinhamento entre as equipes, clareza de posicionamento diante de ações criminosas como racismo e homofobia e o combate efetivo dessas atitudes transformariam, sob sua perspectiva, o museu num lugar de escuta e voz, e não de silenciamento.

Alguns outros pontos também foram levantados, em acordo, pelos convidados, e julgo importante compartilhar. Os pontos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (respectivamente **Mapear para conhecer; Consolidar parcerias; Integrar a comunidade com museu; Fortalecer a relação; Romper o isolamento; Conhecer e elaborar projetos integrados para uma ação conjunta e participativa; Observar os fatores que caracterizam a comunidade; Envolver os atores na responsabilidade de sustentar, estabelecer, preservar**) apareceram nas falas dos três convidados, por meio de relatos de experiências profissionais e vivências pessoais considerados relevantes para um reposicionamento conceitual mais alinhado aos princípios da sustentabilidade social.

Luciara Ribeiro destaca ainda, como fator negativo, o frequente silenciamento dos educadores e seus potenciais de conhecimento, o que me parece estar em alinhamento com o proposto no ponto 10 (**Fortalecer as ações educativas**) por este grupo de trabalho.

Sandra Benites propõe, ainda, uma reflexão para além das observadas pelos demais convidados, incluindo uma dimensão relativa à importância da visibilização dos processos tornados conhecimentos dentro dos Museus como forma de comprometimento com a transformação de visões e interpretações equivocadas, preconceituosas e excludentes acerca de quaisquer comunidades ou temas. Tal perspectiva, ao meu ver, corrobora os pontos 11 e 12 levantado pelo grupo de trabalho (**Tornar visíveis as consequências**, pois transformações precisam ser observadas e vistas para que se possa avaliar conteúdos e conhecimentos adquiridos; e **Expor, difundir resultados**, pois somente quando há uma transformação, quando o resultado, finalmente é mostrado, ele alcança o sucesso, a confiança, a credibilidade).

Como críticas ao processo de estudo e ao próprio entendimento dos diversos aspectos e dimensões da Sustentabilidade, Benjamin propõe, sob o meu entendimento, o que seria “um passo atrás” no processo, para um posicionamento mais lapidado que possa balizar a redação de um documento norteador mais abrangente. Neste sentido, ao recorrer a Ailton Krenak para problematizar a própria noção de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, Benjamin propõe o exercício primário de investigação daquilo que se pretende, objetivamente, sustentar a partir de uma proposição como a deste grupo. No que tange à subdivisão do tema em áreas pré-

definidas (econômica, ambiental, social e cultural), o convidado alerta para o perigo do tratamento de temas indissociáveis como áreas estanques, que pode – paradoxalmente - reforçar conceitos e ideias que, em princípio, busca-se combater. A convidada Sandra lembra a sabedoria ancestral dos indígenas brasileiros sobre sustentar as vidas em equilíbrio e harmonia e destaca o fato de ser um conhecimento ignorado nas discussões sobre o tema de Sustentabilidade. Enquanto práticas e conhecimentos tradicionais são revividos como “novidades” e tornam-se temas recorrentes nas sociedades contemporâneas, os reais detentores desses saberes são ignorados nas discussões.

Conclusões:

Por fim, gostaria de sugerir, à luz das reflexões propostas pelos convidados, a inclusão de um novo aspecto a ser observado no que diz respeito ao tema da dimensão social da sustentabilidade. Ao relacionar os 12 pontos propostos pelo grupo de trabalho às falas dos convidados, percebo que todos - embora extremamente pertinentes ao tema -, ignoram uma dimensão prioritária de suas falas, qual seja a dimensão interna das instituições, que dita as relações entre aqueles que as sustentam em suas rotinas e práticas. Assim, me parece pouco sustentável falarmos de escuta com a comunidade antes de observarmos os processos e mecanismos de escuta interna das instituições. Como evidenciar as vozes e os saberes do entorno, sem conhecer as vozes e saberes internos? Como “borrar fronteiras” enquanto submetidos a modelos institucionais colonialistas, excludentes, opressores e de silenciamento?

Assim, como sugerido por Benjamin Seroussi, percebo uma necessidade de nos voltarmos a questões um pouco mais essenciais, sob o risco de que ao não o fazer poderemos repercutir uma noção de *pseudo*sustentabilidade social, que leve em conta os resultados quantitativos das instituições, sem promover uma real sustentabilidade das relações.

Em termos práticos, considero imperativo incluirmos na noção e análise da dimensão social da sustentabilidade os aspectos relativos à governança e gestão dos museus, acreditando na impossibilidade de avaliar a sua relação com o entorno (externo) sem que antes se compreenda os seus mecanismos internos de funcionamento, disputa de forças, tomadas de decisões etc.